

A metonímia como processo fractal multimodal ¹

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG/CNPq/FAPEMIG)

RESUMO: Este texto, na área da linguística cognitiva, tem por objetivo apresentar o processo metonímico entendido como compressão fractal. Utilizo os estudos retóricos como ponto de partida e a abordagem cognitiva e o conceito de fractal como os principais suportes teóricos. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica seguida de análise de diferentes textos – imagens em reportagem jornalística e imagens e sons em narrativas multimodais sobre aprendizagem de língua inglesa. Concluo que a compressão fractal metonímica é um fenômeno multimodal que se manifesta não somente no pensamento e no texto escrito, mas também em gestos, imagens visuais e sons.

Palavras-chave: metonímia; metáfora; fractal; imagens; sons.

Introdução

Apesar de um crescente interesse sobre a metonímia (PANTHER e RADDEN, 1999; BARCELONA, 2003; DIRVEN e PÖRINGS, 2003), a metáfora continua sendo o assunto predileto dos estudiosos sobre produção de sentido como constatam Bredin (1984) e Barcelona (2003a e 2003b), dentre outros. No Brasil, uma busca no diretório de grupos de pesquisa no CNPq revela a existência de 5 grupos de pesquisa que se dedicam à investigação sobre metáfora e produção de sentido. Nenhum deles inclui a metonímia em sua descrição, o que não impede que a metonímia seja mencionada em alguns dos trabalhos desses pesquisadores, como é o caso, por exemplo, de Zanotto (2008). O exame de periódicos também exhibe o mesmo quadro. Na revista Estudos da Linguagem, encontramos 5 artigos sobre metáfora e nenhum sobre metonímia. Na DELTA, há 16 textos sobre metáfora e apenas um que inclui a metonímia em seu título (BASÍLIO, 2006). Basílio estuda a metáfora e a metonímia na formação de palavras e afirma que há pouca produção sobre metonímia nos processos lexicais. Os números especiais sobre metáfora das revistas *Lingua(gem)* em *Dicurso*, organizado por Moura, Vieira e Nardi (2007) e da *Ilha do Desterro*, editada por Vieira e Vereza (2007) também não apresentam artigos sobre a metonímia. A constatação de Jakobson (1956/2003, p.47) de que “nada comparável à rica literatura sobre metáfora pode ser citado para a teoria da metonímia” ², meio século depois, continua sendo verdadeira.

Al-Sharafí (2004) considera que o potencial da metonímia tem sido bastante subestimado (p.1) e que tem havido redução teórica, pois a metonímia tem sido considerada como mera substituição de palavras sem se levar em conta as dimensões pragmáticas e cognitivas. Ele aponta, também, para a redução prática, pois os trabalhos verificam o papel da metonímia ao nível da substituição lexical, negligenciando seu potencial no nível do texto (p. 5).

Neste texto, pretendo ressaltar a importância da metonímia, conferindo a ela um status maior na produção de sentido. Na seção 1, faço uma revisão histórica do conceito e dos estudos sobre metonímia; na 2, apresento a metonímia na perspectiva cognitiva e na 3, discuto a metonímia à luz do conceito de fractal e apresento uma série de exemplos de textos nas modalidades gestual, textual, sonora e visual.

1. Definindo metonímia

Na retórica grega antiga não se percebe muito interesse sobre a metonímia, mas mesmo assim houve alguma tentativa vaga de defini-la. Os exemplos encontrados nos textos antigos

¹ Agradeço a Milton do Nascimento, pelo tempo que dedicou à discussão desse texto, parte de meu projeto de pós-doutorado sob sua supervisão.

² Essa e as demais traduções neste texto são de minha responsabilidade.

indicam que os retóricos gregos tinham um conceito muito semelhante ao dos estudos posteriores, mas não foram capazes de explicitá-lo (GOLIATH, 2005).

Em uma busca pela etimologia do termo encontro em um dicionário – *The Oxford Dictionary of English Etymology* – que o conceito tem sua origem no século XVI e que significa “substituição do nome de uma coisa pelo nome de um de seus atributos”. O *Online Etymology Dictionary* também registra que o termo grego ‘metonímia’ tem sua origem em 1562 e vem do grego *metonymia*, sendo “meta” equivalente à mudança e “onyma” a nome, gerando “mudança no nome”. A figura de linguagem consistia, pois, no uso do nome de uma coisa no lugar de outra. Já metáfora, do grego *metaphora* é a junção de meta (através) com *pherein* (carregar), significando a transferência do sentido de uma palavra para uma palavra diferente. Ceia (2005) apresenta a seguinte interpretação:

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá* através da junção de dois elementos que a compõem - *meta* que significa "sobre" e *pherein* com a significação de "transporte". Neste sentido, metáfora surge enquanto sinónima de "transporte", "mudança", "transferência" e em sentido mais específico, "transporte de sentido próprio em sentido figurado".

Aristóteles (2000) não fazia distinção entre metáfora e metonímia. Definia metáfora como “ a transferência do nome de uma coisa para outra, ou gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia” (p.63). Dos quatro exemplos de metáfora citados nessa definição, percebe-se, claramente, que os três primeiros, são na realidade, exemplos de metonímia. Isso é confirmado pelas exemplificações que ele oferece ao leitor. Como exemplo de analogia, o único que seria hoje considerado como metáfora, ele cita “a velhice como a tarde da vida, ou o ocaso da vida” (p.64), pois, por analogia, a velhice está para a vida como a tarde está para o dia. Os outros são de metonímia, como o de transposição do gênero para a espécie, com a frase “Meu barco está parado”, e explica que “*fundear*” é “uma espécie do gênero *parar*” (p.64). É interessante observar que em uma das versões da “Arte Poética”³, a tradução do exemplo é: “minha nau aqui se deteve”, pois lançar ferro é uma maneira de “deter-se”. A comparação entre as traduções mostra que o primeiro tradutor usou “fundear”, uma metáfora e que significa “deitar ferro ou âncora”, uma metonímia dupla, pois se observamos a expressão verbal, ela descreve parte do processo de parar o barco; se pensarmos no objeto usado nessa cena marítima, teremos a substituição da matéria pelo objeto, pois a âncora é feita de ferro. Esses exemplos são reveladores do processo de produção de sentido que discutirei nas seções 2 e 3.

Al-Sharafî (2004, p.15) registra que na tradição latina, a primeira discussão sobre metonímia aparece no tratado *Rhetorica ad Herennium* (86–82 BC) de Cícero onde metonímia é definida como “a figura que retira de um objeto bastante análogo ou associado uma expressão que sugere o objeto mencionado, mas que não é chamado pelo seu próprio nome”. (CICERO [The Auctor] 1954, iv, p. 43).

Al-Sharafî (2004, p.16) argumenta, com base em Rosiene⁴ (1992, p.183), que na significação metonímica há quatro processos: (1) a denominação através da escolha de um referente; (2) um processo de abstração da relação de contiguidade entre os referentes; (3) a compreensão dessas relações; e (4) a conclusão do processo metonímico chamando algo de um nome que não é seu nome comum, mas com o qual está associado. Vale lembrar aqui o exemplo de Aristóteles “lançar ferro”, onde ferro está associado à âncora.

³ disponível na Biblioteca Digital, site Domínio Público, do governo federal <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>

⁴ ROSIENE, A.M. (1992) Classical and Medieval Latin Metonymy in Relation to Contemporary Figurative Theory. Unpublished PhD thesis. Northwestern University.

Em sua ampla revisão sobre o assunto, Al-Sharafi (2004, p.19-20) pontua que a metonímia, na retórica ocidental, foi entendida ora como substituição de palavras, ou entre coisas, e, em outros momentos, como uma questão de significação, mas salienta que não houve integração dessas visões em um modelo coerente e nem avanços na discussão pelas gerações subsequentes. Ao contrário, o que ele constata é que houve uma oscilação entre tentativas de progresso e retorno à definição clássica. Além disso, o tratamento da metonímia ficou restrito a exemplificações dentro do pressuposto de que “a metonímia é um recurso poético que contém algum tipo de desvio do modo normal da estrutura da linguagem com o objetivo de fornecer algum charme e grandeza ao estilo”.

O conceito mais comum de metonímia está relacionado à ideia de um termo que é substituído por outro, estabelecendo uma associação por contiguidade. O tipo de metonímia mais conhecido é aquele em que a parte substitui o todo, também denominada de sinédoque⁵, como em “Revista Quatro Rodas”, onde a expressão quatro rodas se associa a carro, tema daquela publicação. Outros tipos de metonímia envolvem: a marca pelo produto, como em “Comprou um Fiat”; o autor pela obra, com em “Leia Aristóteles”; o contingente pelo conteúdo, como em “Li o arquivo”, e assim por diante.

Uma nova dimensão é dada ao conceito de metonímia por Jakobson (1956) que propõe dois pólos fundamentais para o funcionamento da linguagem humana: o paradigmático ou metafórico e o sintagmático ou metonímico. Segundo ele, o “desenvolvimento de um discurso pode ocorrer ao longo de duas linhas diferentes: um tópico pode levar ao outro ou por suas similaridades ou por suas contiguidades” (JAKOBSON, 1956/2003, p.43). O primeiro, ele nomeia de processo metafórico e o segundo de metonímico. Jakobson não limita esses processos à expressão verbal e vê o cubismo na pintura como uma manifestação de orientação metonímica e a surrealista como metafórica. Dirven (2003, p. 77) explica que a “operação sintagmática é baseada na combinação, na contextura, na exploração da contiguidade” enquanto “a operação metafórica se baseia na seleção, substituição, exploração de similaridades e contraste”. A respeito da contiguidade, Panther e Thornbrg (2003, p. 280) propõem que relação contígua seja entendida como ‘relação contingente’, “uma relação entre duas entidades que não são conceitualmente necessárias”. Ele dá como exemplo de relação contingente a relação entre uma mulher e o piano que pode ser explorada na metonímia “O piano quer uma taça de Chardonnay”.

Warren (2003) vê a metonímia como uma operação sintagmática em que teríamos um núcleo implícito na combinação de núcleo e modificador. Ele apresenta os seguintes exemplos, onde (3) é metonimicamente interpretado:

- (1) Os cadarços dos sapatos estavam bem amarrados.
 - (2) Os cadarços estavam bem amarrados. (dos sapatos)
 - (3) Os sapatos estavam bem amarrados. (os cadarços)
- (WARREN,2003, p.120)

O foco das duas primeiras frases está nos cadarços e se desloca para os sapatos em (3), o que leva Warren (2003, p.121) a concluir que “construções metonímicas espontâneas ocorrem com frequência porque o falante coloca o foco no modificador e não no núcleo”.

Até aqui, tratamos da metonímia como um fenômeno da exteriorização da linguagem. Na próxima seção, apresentaremos uma revisão da literatura sobre metonímia na visão dos estudos cognitivos.

2. Metonímia na perspectiva cognitivista

⁵ Neste texto, não faremos distinção entre metonímia e sinédoque.

Os estudos cognitivos, apesar de também focarem prioritariamente a metáfora, apresentam importante avanço no entendimento dos processos de significação ao defenderem que metáfora e metonímia são formas de cognição.

Lakoff e Turner (1980, p.36) distinguem o processo metonímico do metafórico. Para eles “metáfora é, principalmente, uma forma de ver uma coisa em termos de outra” e a metonímia tem uma função referencial, permitindo “o uso de uma entidade no lugar de outra”. Segundo eles, a metonímia permite “focar mais especificamente certos aspectos do que está sendo referido” (p.37) e advogam que as ocorrências não são arbitrárias, mas sim conceitos sistemáticos que fazem parte de nosso sistema conceitual e de nossa cultura, ou seja, da forma como organizamos nossos pensamentos e ações. Como exemplo de uma metonímia clássica, a parte pelo todo, citam a fotografia, onde o rosto é suficiente para representar a pessoa. Lakoff e Turner (1980, p.39) advogam que “os conceitos metonímicos nos permitem conceituar uma coisa por meio de sua relação com outra coisa” e acrescentam que esses conceitos “estruturam não apenas nossa linguagem, mas nossos pensamentos, atitudes e ações”. Assim quando pensamos em um Picasso, não estamos pensando apenas em uma obra de arte, mas em sua relação com o artista e tudo o que a sua arte implica.

Al-Sharafí (2004, p.54) critica Lakoff e Johnson (1980), dizendo que “se a metonímia é meramente uma função referencial isso seria uma visão reducionista, pois daria a ela uma “importância marginal para os processos cognitivos porque não contribuiria muito para a estruturação conceitual da experiência”. No entanto, ele reconhece que “depois eles [Lakoff e Johnson] admitem que o papel da metonímia não pode ser apenas referencial” e que ela contribui para a compreensão ao realçar aspectos importantes do item usado.

De fato, Lakoff e Johnson (1980, p. 59) afirmam que os conceitos metonímicos emergem das correlações em nossa experiência com os objetos físicos. Em edição posterior da mesma obra, Lakoff e Johnson (2003, p.265-266) acrescentam um prólogo onde tentam distinguir metáfora de metonímia, deixando claro que ambas exercem papéis cognitivos. A diferença estaria no fato de a metonímia lidar com apenas um domínio e um único mapeamento em contraposição à metáfora onde há dois domínios e múltiplos mapeamentos (dois ou mais). Eles afirmam, ainda, que, em ambas, existe uma ativação neural: dois domínios na metáfora e dois elementos de um enquadre na metonímia. Lakoff e Johnson (2003, p.266 -7) concluem:

A moral é a seguinte: Ao se distinguir metáfora de metonímia, não se deve olhar para os significados de uma única expressão linguística e se há dois domínios envolvidos. Em vez disso, deve-se determinar como a expressão é usada. Os dois domínios formam uma unidade, um tema complexo no uso de um mapeamento único? Se sim, você tem uma metonímia. Ou, os domínios podem ser separados no uso, com um número de mapeamentos e com um dos domínios formando o tema (o domínio alvo), enquanto o outro domínio (a fonte) é a base para inferência significativa de expressões linguísticas? Se é esse o caso, então você tem uma metáfora. (266-7)

Lakoff (1987) propõe a existência de quatro *modelos cognitivos idealizados* e inclui o mapeamento metonímico ao lado de mapeamento metafórico, da estrutura proposicional (como nos enquadres de Fillmore) e da estrutura imagética -esquemática (como na gramática cognitiva de Langacker). Ele considera a metonímia como uma característica básica da cognição e argumenta que é “extremamente comum as pessoas tomarem um aspecto bem compreendido ou de fácil percepção de algo e usá-lo no lugar de uma coisa ou de parte dela” (p.77). É importante ressaltar, que Lakoff (1987) vê os modelos metafóricos e metonímicos como parte de nosso sistema conceitual, independente da expressão linguística, o que o leva a

afirmar que o significado não é completamente arbitrário (p.438). Para o autor, a formulação de uma metonímia não nos fala apenas sobre um fato linguístico, mas também sobre nossa forma de percepção.

O tema retorna em Lakoff e Turner (1989, p. 102-103), onde os autores reafirmam que a metonímia envolve um único domínio conceitual e um mapeamento dentro desse domínio e não através de domínios. Acrescentam que ela é usada principalmente para referência, onde podemos nos utilizar de um elemento em um esquema para fazer referência a outra entidade no mesmo esquema e, ainda, que uma entidade em um esquema pode substituir outro elemento no mesmo esquema ou todo o esquema. A metonímia e a metáfora teriam em comum o fato de terem natureza conceitual; de serem formas de mapeamento; de poderem se tornar convencionais, passando a fazer parte de nosso sistema conceitual, sendo usadas de forma inconsciente; e de nomearem tanto elementos fonte e como elementos alvo.

Uma forma interessante de diferenciar metonímia de metáfora é proposta por Croft (2003) a partir do conceito de domínio que ele define como “uma estrutura semântica que funciona como a base para pelo menos um perfil conceitual” (p.166). Essa estrutura pode ser bastante complexa, como por exemplo, o domínio de um objeto físico que envolve matéria, forma, localização espacial, etc. Ele denomina esse tipo de domínio de domínio matriz. No caso da metonímia, ele afirma haver um realce (*highlighting*) do domínio, ou seja, uma ativação mental de um domínio matriz, transformando em principal o que era secundário no sentido literal. Já no caso da metáfora, ocorre um mapeamento (*mapping*) entre dois domínios que não fazem parte da mesma matriz.

Na mesma direção, Radden and Kövecses (1999, p. 21) definem metonímia como “um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental à outra entidade conceitual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado”. No entanto, como afirma Barcelona (2003 a, p. 215 e 232), nem sempre é fácil dizer se os domínios fonte e alvo são os mesmos e assim, frequentemente, uma expressão linguística pode ser interpretada tanto como metonímia quanto como metáfora.

Riemer (2003) discute a indeterminação entre metáfora e metonímia ao estudar o uso de verbos em inglês com a ideia de *hit* (bater). Segundo ele, em exemplos como “ela chutou ele para fora de casa” podem ser interpretados tanto como metonímia como metáfora. Chutar pode ser interpretado metaforicamente como forçar a saída de alguém por meio de gritos, ameaças, etc., ou pode ser entendido metonimicamente como um aspecto da tentativa de expulsar alguém. Esse fenômeno é nomeado por Goossens (2003) de *metafonímia* (*metaphonymia*), uma expressão que é ao mesmo tempo combinação de metáfora e metonímia. Em outro texto, Goossens (1995) propõe o conceito de metáfora com base metonímica (metonymy-based metaphor), mas deixa claro que não considera que toda metáfora tenha uma base metonímica. Goossens apresenta 4 tipos de metáfora com base metonímica:

- (1) com uma base experiencial comum : como nas metáforas feliz é para cima e tristeza é para baixo. Goossens (1995, p.95) usa o exemplo do jogador de futebol que levanta os braços para demonstrar alegria ao fazer um gol ;
- (2) com domínios conceituais relacionados por implicatura, um exemplo seria o verbo ir para expressar futuro, cujo significado literal de “movimento espacial” leva à implicatura da “intenção sem movimento espacial”, como em “ Eu vou comprar um livro novo”;
- (3) com domínios conceituais envolvendo estrutura de categorias, ou seja, relações metonímicas de parte pelo todo, ou todo pela parte; indivíduo pela espécie, ou espécie pelo indivíduo, etc. Goossens (1995, p.102) exemplifica com a metáfora “o mal (psíquico) é uma ferida física”. “Você está ferindo meus sentimentos” tem por base a

relação entre a categoria mal e um membro saliente dessa categoria denominada “ferida física”;

(4) com domínios conceituais inter-relacionados por um modelo cultural, entendido como modelos amplamente compartilhados em uma sociedade. Exemplos são as metáforas da transmissão de conhecimento e da mente como um recipiente.

Turner e Fauconnier (2003), em uma de suas raras incursões sobre a metonímia, incluem a metonímia em interação com a metáfora em sua teoria da integração conceitual. Usando o exemplo da representação da morte pelo “Cefeiro implacável” (the Grim Reaper) – um esqueleto com uma mortalha/batina preta e uma foice na mão -, os autores explicam que uma integração conceitual complexa acontece por meio de conexões metonímicas nos inputs: associação de morte com o esqueleto (efeito da morte), a mortalha que lembra a batina dos padres que geralmente estão presentes nos rituais da morte. Outras projeções metonímicas são a foice, instrumento que pode ser usado como ferramenta para a colheita ou como arma mortífera, e o rosto encoberto que se associa com a idéia do desconhecido que por sua vez nos remete à morte. O que otimiza a integração conceitual é a compressão dessas projeções metonímicas

Na próxima seção, desenvolvo uma visão do processamento metonímico e metafórico à luz do conceito de fractal.

3. Metonímia como processamento fractal

Considero importante estudar o processamento metonímico como parte integrante do processamento metafórico, dentro da rede complexa de processamento de sentido, processamento esse não necessariamente linear, mas simultâneo⁶. Em todo processamento metafórico, temos encaixado um processamento metonímico, pois quando domínios conceituais são integrados, não há, necessariamente, uma integração entre todos os elementos dos domínios fonte e alvo, mas sim de elementos mapeados dentro de cada domínio. Assim, teríamos, via recursão, uma série de mapeamentos metonímicos de cuja interação emerge a metáfora. Vejamos um exemplo. Quando o romancista José de Alencar nomeou um de seus romances como “A pata da gazela”, ele, na verdade, atualizou um processamento ao mesmo tempo metonímico e metafórico. A pata da gazela funciona como metáfora dos pés delicados de uma mulher e por projeção metonímica de uma mulher delicada. Ao mesmo tempo, que pata (pé) remete a uma parte do corpo de um animal elegante, da gazela, ela também remete aos pés, parte do corpo da donzela.

As expressões metonímicas, elementos essenciais no processo complexo de produção de sentido, evocam cenas através de elementos ou atributos de elementos em interação dentro de uma mesma cena. Voltemos ao exemplo de Aristóteles, com a cena de um navio atracando, jogando âncora ou lançando ferro, onde âncora é apenas um elemento da cena e ferro um de seus atributos. Muitos outros elementos fazem parte dessa cena: um local específico no mar ou no rio, o cais, o navio, os marinheiros, as correntes que prendem a âncora, a localização do equipamento de ancoragem na embarcação, o ato de lançar as âncoras, as âncoras chegando ao fundo do mar, etc. Ao visualizar essa cena, dependendo da extensão, ou seja, do *zoom* que damos à cena, podemos trazer à nossa mente toda a cena, partes maiores ou menores, ou apenas um pequeno detalhe, no caso desse exemplo apenas as âncoras ou o ferro, material de que é feita a âncora. Esse raciocínio nos leva ao conceito de fractal que tentarei definir na subseção 3.1.

⁶ Para uma discussão aprofundada da noção de texto como sistema complexo, ver Paiva e Nascimento (2006 e 2009 e Nascimento, 2009).

3.1. O que é um fractal

O termo fractal, cunhado pelo matemático Mandelbrot (1982), vem do adjetivo *fractus*, do verbo *frangere* que significa quebrar, fraturar e é usado para designar dimensões não inteiras. Mandelbrot ao estudar o litoral, descobriu que seu formato exibe um determinado padrão independente da escala, ou seja, visto de perto ou de longe esses padrões são auto-semelhantes. Outro exemplo de fractal natural é o da árvore, pois ela é auto-similar nos formatos de suas ramificações, incluindo a estrutura das folhas. O processo fractal "abrange toda a estrutura em termos das ramificações que a produzem, ramificações que se comportam de maneira coerente, das grandes a pequenas escalas" (GLEICK, 1989, p. 103).

O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao processamento cognitivo e à materialidade textual, pois existem possibilidades infinitas de processamento de sentidos de forma auto-semelhante em pequenas e grandes escalas. Para produzir sentido, utilizamos diariamente uma proliferação de cenas que são recursivamente ativadas, integradas, fundidas, e compactadas de forma fractal, ou seja, auto-semelhante. Da mesma forma esse processamento é atualizado textualmente, em palavras, diálogos, textos/gêneros de forma recursivamente auto-semelhante. Reversamente, ao interpretarmos esses textos, também operamos de forma auto-similar com ativações e descompressão de cenas.

3.2 Metonímia no pensamento e na ação

O processo metonímico de produção de sentido está presente não apenas no pensamento, mas também na ação, seja esta materializada em gestos, textos escritos ou imagéticos, e sons. Vejamos alguns indícios da compressão de cenas em metonímias gestuais, textuais, sonoras e visuais. Começamos com um exemplo de um gesto da cultura árabe: mostrar o solado dos sapatos ou atirar sapatos em alguém.



Fig. 1 Presidente Bush



Fig. 2 Protesto no Iraque



Fig. 3 Presidente Lula

Segundo Martin Asser (2008), “[N]o mundo árabe, se você ameaça uma pessoa com a frase "vou te bater" e acrescenta as palavras "com um sapato", esta ameaça implica não apenas uma agressão física, mas também um insulto gravíssimo”. Asser exemplifica com a agressão feita à ex-secretária de segurança de Estado, Condoleza Rice, que recebeu o apelido de sapato (*kundara*), um grande insulto no mundo árabe. Já no Brasil, a palavra *sapatão* é utilizada para designar a mulher homossexual, uma metonímia que remete a uma característica masculina, pois os homens costumam ter os pés bem maiores do que as mulheres. Assim o *sapa to grande* é tomado por referência de contiguidade com o homem.

No mundo árabe, o simples ato de mostrar a sola do sapato a alguém demonstra desrespeito e grosseria. Os sapatos, por um processo metonímico de associação com o solado que toca a sujeira do chão, são símbolos de imundície. Tanto é assim, que os muçulmanos os tiram para rezar e são proibidos de entrarem calçados nas Mesquitas.

Em uma visita surpresa em Bagdá, no dia 14 de dezembro de 2008, o ex-presidente americano, George Bush, foi surpreendido com o ato do cinegrafista Muntadar al-Zaidi que

lhe atirou um sapato (figura 1) e o chamou de cachorro. Observe que a foto em si, na figura 1, é também uma metonímia, pois retrata apenas parte do todo, ou seja, apenas o efeito de atirar o sapato. Ao vermos a foto, conseguimos reconstruir toda a cena com os dados do contexto que acessamos hipertextualmente. Segundo Nascimento e Oliveira (2004) e Paiva e Nascimento (2006 e 2009), a hipertextualidade é uma propriedade da mente que é responsável pela construção e reconstrução de sentidos através do acionamento de outros textos. Vejamos como isso funciona na figura 2.

O reporter que agrediu Bush foi imediatamente preso e a população saiu às ruas em protesto contra a prisão do jornalista. Na figura 2, vemos uma criança mostrando um solado de sapato, referindo-se metonimicamente a cena da figura 1. No dia 12 de janeiro de 2009, durante o evento Couromodas em São Paulo, o presidente Lula brinca com os jornalistas presentes com a falsa ameaça de lhes jogar o sapato em uma clara referência metonímica à cena vivida pelo presidente americano.

Todas as figuras, por serem partes das cenas que representam, são também metonímias de uma narrativa maior. A leitura das três figuras envolve a integração de várias cenas que são projetadas metonimicamente pelos três gestos metonímicos: o gesto do reporter atirando o sapato, o gesto da criança levantando o sapato, e o gesto de ameaça de atirar o sapato do presidente Lula. A propriedade hipertextual de processamento de sentido, acionada pela metonímia, nos capacita cognitivamente, via recursão, a navegar por vários mapeamentos conceituais, integrando conceitos e situações em frações de segundos.

Levantar o sapato, mostrando seu solado, funciona como um fractal para o processamento de sentido no momento em que é capaz de ativar hipertextualmente o todo da cena. O sapato no protesto remete a toda a cena da figura 1, resultando na integração das duas cenas. Assim o gesto da figura 1 está contido na figura 2, que também está contido em 1, pois ambos são cenas de protesto. Recursivamente, a transposição do gesto para outra cultura, a brasileira, apesar de se revestir de uma intenção de brincadeira, não deixa no entanto, de forma atenuada, de implicar um protesto do presidente contra os jornalistas que não lhe dão tregua. Isso é corroborado por sua fala quando questionado sobre seu ato: "Na verdade, eu não queria atirar o sapato contra vocês, mas sim me precaver de um possível ataque". O sintagma "atirar o sapato" projeta metonimicamente toda a cena do ato contra Bush, o que corrobora nossa tese de que a metonímia tem propriedade fractal e como tal funciona como hiperlink para a cena maior. É como se esse sintagma, no caso do texto escrito, ou do sapato na imagem representasse um ponto de uma cena com a capacidade de, quando acionado, gerar toda a cena. A característica de auto-similaridade permite que a mudança no tamanho da cena e do número de elementos, ou seja, mudanças de escala, não alterem a produção de sentido. Ele se mantém no gesto de um jornalista que atira um sapato ou na cena de muitos manifestantes levantando sapatos na rua para protestar contra o presidente americano. A propriedade fractal das metonímias faz com que gestos, palavras, imagens e sons funcionem como hiperlinks que acionados nos remetem a outros domínios conceituais de onde são partes integrantes.

A seguir, apresento exemplos de sons e imagens retirados de trechos de uma narrativa de aprendizagem de inglês no formato multimídia⁷. Em um trecho dessa narrativa, temos alguns exemplos de sons. Após afirmar "I passed the examinations and began studying. I was very happy" (Passei no vestibular e comecei a estudar. Eu estava muito feliz.), o narrador insere, na sequência, *hiperlinks* para dois sons retirados de bancos de áudio da Internet. O primeiro é de riso e o segundo o de aplausos. O dois sons nos remetem metonimicamente à cena da notícia da aprovação e ao mesmo tempo funcionam como metáfora de alegria (o riso) e de aprovação (aplausos) de outras pessoas. Nem o riso e nem os aplausos são reproduções de cenas vividas

⁷Essa narrativa faz parte do corpus de narrativas de aprendizagem do projeto AMFALE (<http://www.veramenezes.com/amfale.htm>) e pode ser lida integralmente no endereço <http://www.veramenezes.com/multi15.htm>.

pelo narrador, mas representam metafórica e metonimicamente suas experiências e poderiam ser usadas em outros textos de gêneros diversos. Em seguida, o narrador fala dos problemas que enfrentou para chegar ao fim da graduação e um deles foi a recusa de ajuda por parte uma colega mais proficiente, como podemos ver na figura 4. Ao relatar a frustração com a negativa de ajuda da colega, o narrador insere um *gif*⁸ animado de um rosto masculino que se movimenta em um choro convulsivo com lágrimas saltando dos olhos. O exemplo reúne um conjunto de metáforas e de metonímias compactadas como podemos observar na figura 4.



One day, I asked a friend if she would like to study with me, in order that we both could refine our English. Then she answered: "No, thank you. I don't want to study with someone that knows less than I do. It's no use." I got so embarrassed that I could hardly find an answer to this. Then I said: Ok, thank you anyway.

Figura 4 Homem Chorando

O gif animado tem função metafórica e metonímica e poderia se qualificar como *metafonímia* (GOOSSENS, 2003). Metafórica, pois vemos um conceito em termos de outro (LAKOFF e TURNER, 1980), ou seja, o desenho de um homem representando o narrador e, ainda, o choro representando o sentimento de embaraço. A função metonímica se explica pela utilização de um elemento que faz referência ao todo, como o rosto representando o homem e o efeito no lugar da causa, com o choro remetendo ao embaraço sentido pelo aprendiz narrador. Nada nos garante que o narrador chorou ao passar pelo constangimento relatado, mas a imagem em conjunto com o texto ativa várias cenas vividas pelo autor e pelo leitor e juntas produzem sentido. Ainda nessa narrativa, temos a imagem, em outro *gif* animado, do formando representado pela silhueta de um homem usando beca e o capelo. Essa vestimenta usada nas cerimônias de formatura funciona, metonimicamente, como representação da cerimônia que ritualiza o final de uma graduação. Nesse *gif* animado, o formando sobre a escada que, por sua vez, remete metonimicamente ao palco, já que as formaturas, geralmente, acontecem em auditórios onde há um palco, ao qual o formando sobe para receber seu diploma. A escada também pode ser tomada como metáfora de sucesso. Alcançar o pódio, o topo, é metáfora de sucesso empregada não só nas cerimônias de formatura como também em cerimônias de premiação pela excelência em qualquer área, seja ela acadêmica esportiva ou cultural.



Now I'm almost graduating in Licenciatura and I can hardly believe I did it all. I thank God that he's given me such an "obstinate" character, so that I wouldn't give up my dreams easily.



Figura 5 Cerimônia de formatura

Figura 6. Formandas

As imagens de graduandos vestidos com beca e capelo são recorrentes nas narrativas de aprendizagem. Elas aparecem em imagens animadas, como na figura 5, em imagens estáticas como na figura 6 e em fotografias para representar metonimicamente a cena de formatura.

⁸ **GIF** é um acrônimo para um formato de imagem – *Graphics Interchange Format* – e um gif animado é o formato de uma imagem animada que é formada pela compactação de várias imagens no formato GIF.

Conclusão

Os exemplos discutidos neste texto demonstram que a produção da metonímia, assim como a da metáfora, resulta dos mesmos processos cognitivos e de produção de significado. Ela está presente não apenas no nosso pensamento e na linguagem verbal, mas em todo o sistema semiótico da comunicação humana, como nos gestos, nos desenhos, nos *gifs* animados e nas fotografias. Os processos metonímicos e metafóricos estão em constante interação e contribuem para integrações percepto-conceituais complexas, pois em todo processo metafórico, podemos perceber o encaixamento de um processo metonímico. Vimos também que a metonímia funciona como compactação fractal onde o todo está na parte que descompactada, via processamento hipertextual, se integra ao todo.

Como destaca Milton Nascimento (comunicação pessoal) a abordagem proposta tem a vantagem de: a) ir além de uma perspectiva descritiva, classificatória, propondo uma hipótese explicativa para a emergência do fenômeno; b) apresentar uma hipótese que explicita, em termos da teoria da complexidade, parâmetros subjacentes à atividade de produção de texto/sentido; c) propor parâmetros que se traduzem numa simples operação: a recursão, através da qual se dá a compressão, de forma fractal, de espaços referenciais; e, d) descrever uma operação que não se circunscreve ao âmbito da emergência do fenômeno em questão .

A metonímia na perspectiva fractal, não é entendida como mudança de nome, mas como mudança de escala, pois não é uma coisa nomeada por outra, é a mesma coisa vista em uma dimensão fractalizada sem que se perca a dimensão do todo, como é o caso do capelo, uma pequena dimensão da imagem de uma formatura. O capelo nos remete ao formando que nos remete à cerimônia de uma formatura, que nos remete ao final de um processo, metaforizando o sucesso de alguém. Não é também entendida como relação de contiguidade, mas como uma operação recursiva, onde um aspecto projeta o todo de um mesmo domínio ou integra um outro domínio permitindo conceituar uma outra coisa, ou seja, metaforizar. Como a lágrima que salta dos olhos do desenho de um rosto de homem em um gif animado. Essa lágrima projeta o choro, que projeta a tristeza, que projeta a frustração de experiências afetivas, que, por sua vez, metaforiza o sentimento de tristeza do narrador durante uma experiência frustrante. Ou ainda, como a foto do efeito da ação de um jornalista que atirou um sapato no ex-presidente Bush. Essa foto remete à outra de uma passeata onde sapatos estão erguidos, e as duas imagens remetem ao gesto cultural de se atirar em alguém um sapato. O sapato remete à sola, que remete ao chão imundo, e que projeta, de forma metafórica, a indignação que se sente por alguém.

Finalmente, o processamento metonímico, à luz da fractalidade, pode ser exemplificado com o próprio título deste texto – **A metonímia como processo fractal multimodal** – que compacta e integra dimensões fractais deste texto. As palavras-chaves **metonímia**, **fractal**, e **multimodal** compactam, fractalmente, os sentidos deste texto e, juntas, projetam o que será encontrado neste texto. Cabe ao leitor descompactar/compactar os sentidos, ativando seu conhecimento prévio para efetivar a descompressão/compressão (recriação) das cenas enunciativas em um processo de integração conceitual que produz sentidos. Ao integrar os conceitos aqui desenvolvidos com sua leitura, cada leitor projetará sentidos para o título e para o texto.

Abstract: This text, in the field of cognitive linguistics, aims to present a view of the metonymic process understood as a fractal compression. I resort to rhetorical studies as the starting point and to the cognitive approach and the concept of fractal as the main theoretical framework. The methodology consisted of bibliographical research followed by the analysis of different texts – images in news report and images and sounds in multimodal narratives about English language learning. I conclude that the metonymic fractal

compression is a multimodal phenomenon which manifests itself not only in thought and written text, but also in gestures, visual images and sounds.

Key-words: metonymy, metaphor; fractal; images; sounds.

Referências bibliográficas

- AL-SHARAFI, A. G. M. *Textual metonymy: a semiotic approach*. New York: Palgrave/MacMillan, 2004.
- ARISTÓTELES, Poética. Trad. Baby Abrão. In: *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. [Coleção Os pensadores] p.33-75
- ASSER, M. Para árabes, atirar sapato é insulto gravíssimo. Portal terra. Acesso em 15/12/2008. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI3394459-EI308,00-Para+arabes+atirar+sapato+e+insulto+gravissimo.html>
- BASÍLIO, M. Metaphor and metonymy in word formation. *DELTA*, 2006, vol.22, no.spe, p.67-80. ISSN 0102-4450
- BARCELONA, A. Clarifying and applying metaphor and metonymy. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003 a. p. 207-277.
- BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads* : a cognitive perspective. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003b.
- BREDIN, H. Metonymy, *Poetics Today*, vol 5, n. 1, p. 45–58, 1984.
- CEIA, V. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metafora.htm> , acesso em 09/01/2009.
- CICERO [The Auctor], *Rhetorica ad Herennium*, Trad. H. Caplan. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954.
- CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. . In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* . Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 161 -205.
- DIRVEN, R. Metonymy and metaphor: different mental strategies of conceptualization. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* . Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 75-111.
- GLEICK, J. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Trad. de Waltensir Dutra. Editora Campus, 1989.
- GOLIATH (Business Knowledge on demand) . *The definition of metonymy in ancient Greece* . (Critical essay). Northern Illinois University. Spring, 20 05. Disponível em http://goliath.ecnext.com/coms2/gi_0199-5540130/The-definition-of-metonymy-in.html Acesso em 04/01/2009.
- GOOSSENS, L. *By word of mouth: metaphor, metonymy and Linguistic action in a cognitive perspective*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.349 -377
- HYPERLINK. *Tech Terms Dictionary*. Disponível em <http://www.techterms.com/definition/hyperlink> . Acesso em 04/01/2009.
- JAKOBSON, R. The metaphoric and metonymic poles. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* . Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.41-47.

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G. & TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. USA, The University of Chicago, 1989.
- _____. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- MANDELBROT, B.B. *The Fractal geometry of nature*. W.H. Freeman and Company, 1982.
- METAPHOR. *Online Etymology Dictionary*. Disponível em <http://www.etymonline.com/index.php?search=metaphor&searchmode=none> Acesso em 08/01/2009.
- METONYMY. *Online Etymology Dictionary*. Disponível em <http://www.etymonline.com/index.php?search=metonymy&searchmode=none> Acesso em 04/01/2009.
- METONYMY. *The Oxford Dictionary of English Etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- MOURA, H.; VIEIRA, J.; NARDI, M.I.A. (Orgs.). *Linguagem em (dis)curso: Metáfora e Contexto*. Tubarão: UNISUL, v. 7, n.3, set/dez. 2007.
- NASCIMENTO, M. Linguagem como um sistema complexo: interfases e interfaces. In: PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. (Org.). *Sistemas Adaptativos Complexos: Língua(gem) e Aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 61-72.
- PAIVA, V.L.M.O.; NASCIMENTO, M. Texto, hipertexto e a (re)configuração de (con)textos. In: LARA, G.M.P. *Língua(gem). texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Belo Horizonte: Lucerna, 2006. p.155-179
- _____. In: ARAÚJO, J.C. (Org.). *Linguagem em (Dis)curso: Linguagem e Tecnologia: hipertexto, gêneros digitais e ensino Hipertexto e complexidade.*, Palhoça, SC: UNISUL. v. 9, n. 3, p. 519-547, set./dez. 2009.
- PANTHER; K.U.; RADDEN, G. (Eds) *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- PANTHER, K.; THORNBURG, L. The roles of metaphor and metonymy in –er nominals. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.279-319
- _____. Metonymy. In: GEERAERTS, H.; CUYCKENS, H. (Eds.) *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 236-263
- PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.379-406
- RADDEN, G. ; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. *Metonymy in Language and Thought*, eds. K.U. Panther and G. Radden. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 7-59
- RIEMER, N. When is a metonymy no longer a metonymy? In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p.379-406
- ROSIENE, A.M. *Classical and Medieval Latin Metonymy in Relation to Contemporary Figurative Theory*. Unpublished PhD thesis. Northwestern University, 1992.
- TURNER, M; FAUCONNIER, G. Metaphor, metonymy, and binding. In: *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003b.
- VIEIRA, J.R.; VEREZA, S.C. (Eds.). *Ilha do Desterro. Metaphor in languages and thought: contemporary perspectives*. N. 53. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

WARREN, B. An alternative account of the interpretation of referential metonymy and metaphor. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 113 -130.